

COMPARTILHANDO UMA EXPERIÊNCIA DA ESCOLA ITINERANTE DO MST

Varlete Ines Calixto (G - UEPG)
Daniel Canavese de Oliveira (Orientador – UTFPR)
Luiz Fabiano Zanatta (Co-Orientador UENP/CLM)

RESUMO

O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) luta em busca da conquista da terra, porém, para que tal projeto se configure como realidade, é imprescindível a inclusão social dessa parcela da população. Para tanto, a Escola Itinerante é fruto de um processo reflexivo desenvolvido nos acampamentos de reforma agrária, onde se pensa a necessidade de uma pedagogia diferente das práticas tradicionais, pois incorporam ao processo educativo a realidade vivenciada pelo aluno, os elementos ligados ao meio rural e a própria caminhada na luta pela terra. Este estudo trata-se de uma pesquisa Qualitativa, utilizando-se para construção a Técnica de Observação Participante. O objetivo deste artigo é apresentar as observações percebidas no convívio e na atuação de uma educanda em uma Escola Itinerante, pois acredita-se que, discutir o tema é ir além do visto, e trazer para as margens dos olhares, contextos até então não identificados e percebidos dentro do conjunto de vivências destes sujeitos. Na apresentação dos resultados, exponho minhas impressões e comentários, com boa parte deles, entremeados da perplexidade que algumas notificações deixaram em meu espírito, não tentando notificar nenhum significado pejorativo a experiência, por se tratar de uma ação extremamente construtora e gratificante.

Palavras-Chave: Educação, Escola Itinerante e MST.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo trata da apresentação de uma experiência docente vivenciada durante dois anos, por uma educanda, em uma escola Itinerante, de uma assentamento do Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST) no Norte do Paraná. Neste contexto, o resultado de semelhante iniciativa aparece em minhas impressões e comentários, com boa parte deles, entremeados da perplexidade que algumas notificações deixaram em meu espírito. Desde o início devo dizer que procurei deter-me em questões de conteúdo mais do que de procedimento, conforme defende Erickson (1989) para pesquisas deste tipo.

A investigação que aqui descrevo, foi realizada em um assentamento do MST, frente a minha caminhada como docente em sua escola itinerante, através da Observação Participante. Sendo que o ato de observar é um dos meios mais freqüentemente utilizados pelo ser humano para conhecer e compreender as pessoas, as coisas, os acontecimentos e as situações, para Rudio (1986) é aplicar os sentidos a fim de obter uma determinada informação sobre algum aspecto da realidade, sendo que é mediante o ato intelectual de observar o fenômeno estudado que se concebe uma noção real do ser ou ambiente natural, como fonte direta dos dados.

Nessa perspectiva apresento a análise da proposta educativa do MST, em que se situa a sua Escola Itinerante. Trata-se de um Movimento e uma escola cujos princípios encontram-se voltados à construção de espaços para questionar e romper com a ordem estabelecida. Ao assumir esse papel, MST e escola pretendem auxiliar no processo de constituição da identidade

dos sujeitos Sem-Terra, à medida que buscam efetivar um projeto de formação crítica dos seus integrantes e um espaço-tempo de participação efetiva no Movimento, assim como na comunidade escolar.

Para Morigi (2003) a dinâmica da Escola Itinerante está marcada, principalmente, pela sua itinerância, e ao acompanhar a itinerância do grupo percebe-se o quanto esta faz parte do ambiente educativo e como ela é rica de momentos de ensino-aprendizagem, de práxis. Isto contribui para a reflexão acerca da teoria e das práticas vivenciadas por este movimento social e seus novos desafios, avanços e perspectivas frente à conjuntura atual. Esta itinerância contempla a totalidade do acampamento, seja pela mudança de lideranças, educadores e dos setores de trabalho seja pela (re) organização dos barracos, da escola, da horta, entre outros.

Por conseguinte, a concepção de educação implícita na prática pedagógica da Escola Itinerante e em todo conjunto de educadores do MST traz para a sociedade a necessidade de atentar para uma educação centrada no desenvolvimento do ser humano, com a valorização da realidade local onde a reflexão de suas práticas cotidianas proporciona a compreensão da complexidade do processo de formação humana, ou seja, o principal ambiente de aprendizado do ser humano está nas suas práticas sociais, observadas no contexto de suas atividades dentro de seu espaço (CALDART, 2001). Portanto conhecer a Escola Itinerante é muito importante devido a sua ação numa comunidade onde a escola convencional não tem condições de trabalhar, por ter princípios e metodologias que não tem utilidade na vida dos acampados.

A luz dessas discussões, o objetivo deste artigo é apresentar as experiências no convívio e na atuação como educanda em uma Escola Itinerante, pois demonstrar o processo vivenciado é trazer para as margens dos olhares, o conjunto de vivências destes sujeitos, demonstrando sua particularidade existencial, por estar esta classe popular passando por um processo de marginalização de seus direitos, devido a falta de políticas públicas e educacionais, que contemplem e dêem suporte para construção coletiva, e efetiva deste novo processo do "Aprender", que busca identificar raízes no saber, e na cultura coletiva do outro.

Ainda neste viés, ressalta-se a necessidade da construção de uma identidade própria destes sujeitos, através da educação comprometida com a realidade, vivenciada e relatada, afim de contribuir com a preparação de educadores e educandos, para que possam ficar e transformar o espaço onde vivem, assumindo um vínculo mais amplo com o destino do conjunto dos camponeses e assentados, no intuito de despertarmos mais autores, na escrita desta história.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) por uma educação pública gratuita e de qualidade para as crianças, jovens e adultos do e no campo ganha seus primeiros contornos já na década de 80. Porém, muito embora as práticas escolares no interior dos acampamentos organizados pelo MST já existissem, é em 1996 que efetivamente é

aprovada a primeira Escola Itinerante do Movimento, isso no Estado do Rio Grande do Sul (PUHL, 2008), cuja proposta vem ao encontro das necessidades de proporcionar escolarização às crianças, associada às modificações que poderão ocorrer no acampamento, por ser um espaço em movimento. A escola acompanha as famílias no caso de mudança para outro acampamento, nas frentes de trabalho, nas marchas reivindicatórias. Assim, em torno da caminhada da luta pela terra, existe uma histórica trajetória de tentativas de implementação de processos educativos nos acampamentos e assentamentos de sem-terra (DANIEL, ALVES 2004).

A conquista da escola legalizada foi mais uma bandeira de luta assumida, sendo que no ano de 1995, foi realizado o II Congresso Infanto-Juvenil do MST, no RS, e neste evento foi debatida e deliberada a proposta de lutar pela legalização das escolas em acampamentos. Após, foi elaborada uma proposta pedagógica em conjunto com o setor estadual de educação do MST e a Secretaria do Estado da Educação. Sendo assim, as experiências vivenciadas de análise e reflexão sobre a educação, em acampamentos e assentamentos, tornaram-se base para um projeto aprovado por unanimidade na Assembléia Legislativa no Estado do RS, no ano de 1996 como Experiência Pedagógica – Escola Itinerante (WEIDE, 1998). A discussão entre vários segmentos sociais, acampados, assentados, pais, alunos, crianças, professores, comunidade, tornou possível a construção do Projeto Pedagógico da Escola Itinerante. Nesse período, entre 1996 e 1998, a Escola Itinerante operava na forma de experiência, para ser posteriormente aprovada em definitivo, tendo como Escola Base¹ para o suporte legal a Escola Estadual de Ensino Fundamental Nova Sociedade, localizada no Assentamento Itapuí, no município de Nova Santa Rita (DANIEL, ALVES 2004).

E somente a partir de 2003, que ocorre a implantação de Escolas Itinerantes no Estado do Paraná, dado a existência de 13 mil famílias distribuídas em 67 acampamentos e o grande contingente de crianças sem possibilidade de freqüência à escola, o Governo, através do Processo nº1344/03 e Parecer nº 1012/03 do CEE de 08/12/2003 instituiu:

"... a Escola Itinerante como proposta alternativa que busca atender e garantir o direito à escolarização de crianças, adolescentes, jovens e adultos que vivem em situações adversas e, por isso, não conseguem estudar na forma como a escola está organizada. Nesse contexto, estão os trabalhadores Sem Terra que se encontram em situação de acampamento, o qual pode mudar de lugar a qualquer tempo, até que sejam assentados..." (fls8/9).

E sua operacionalização como a exemplo do RS, é através de uma Escola – base, de Ensino Fundamental e Médio, responsável pela documentação e registro escolar dos alunos, além do suporte legal e pedagógico, orientada pela Secretaria de Educação do Estado do

¹ Escola de Ensino Fundamental Nova Sociedade localizada no assentamento Itapuí, município de Nova Santa Rita/RS, consolidou-se a partir de 1996 com a aprovação dos cursos experimentais, sendo que a estrutura física foi construída aos poucos com apoio do MST e dos poderes públicos. Consolida-se como um projeto-modelo que está dando certo e que segue as diretrizes para a educação popular. Por esse motivo, foi escolhida para ser a "escola-base" das Escolas Itinerantes (dos acampamentos) sendo assim, toda a estrutura humana e a questão burocrática das escolas estão concentradas na Nova Sociedade.

Paraná, sob a coordenação da Educação do Campo - SEED e Departamento de Ensino, através dos Núcleos Regionais de Educação (NREs).

Frente a esta trajetória, Caldart apud Vendramini (2002), considera que *"a trajetória do MST no campo da educação vem se desenvolvendo através de dois eixos complementares: a luta pelo direito à educação e a construção de uma nova pedagogia"*. Podemos contextualizar, dizendo que a Escola Itinerante é, então, fruto de um processo reflexivo desenvolvido nos acampamentos de reforma agrária, onde se pensou a necessidade de pedagogia diferente das práticas tradicionais. Que incorpore ao processo educativo a realidade vivenciada pelo aluno, os elementos ligados ao meio rural e a própria caminhada na luta pela terra.

Aprovadas pelos Conselhos de Educação dos Estados nos quais se localizam, com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), as Escolas Itinerantes procuram desenvolver o processo educativo de modo a contemplar as particularidades da vida no campo e a problematizar as questões que perpassam o cotidiano e a luta pela reforma agrária. O objetivo geral da desta escola é oferecer às crianças e adolescentes das comunidades acampadas, acesso a educação através de uma metodologia diferenciada, correspondente ao Ensino Fundamental de 1ª a 5ª série. As ações pedagógicas são desenvolvidas a partir dos interesses, necessidades e níveis de conhecimento das crianças. Para Daniel; Alves (2004) a escola também tem por objetivo, oportunizar aos educandos e educandas espaços para constituírem-se sujeitos capazes de compreender e interpretar o processo histórico vivenciado, buscando a transformação da realidade.

A Escola Itinerante é um espaço que contém um caráter investigativo, participativo e reflexivo, e através da investigação-ação promove a reunificação da teoria e prática, superando a dicotomia entre ensino e pesquisa enraizada na tradição positivista. Como assinala Christóffoli (2006):

" O processo educativo, desde seu início, acontece de forma coletiva, com a construção de comissões nos acampamentos, que se encarregam dos vários aspectos da vida coletiva: construir um barraco para funcionar como escola, conseguir doações de materiais escolares, ou construir bancos e mesas improvisadas para as crianças sentarem etc [...]." (CHRISTÓFFOLI, 2006, p. 94).

Todo esforço é realizado no intuito de construir conhecimentos a partir da realidade vivida pelos acampados. Se a marcha faz parte da vida dos homens, mulheres e das crianças acampadas, ela deve servir como conteúdo. Mais do que isso, ela possibilita que diversos conteúdos sejam apreendidos na experiência concreta, mediada pelo conhecimento sistematizado. As aulas que ocorrem nas marchas e mobilizações também possibilitam que as crianças permaneçam com a seus pais e acompanhem a luta sem serem prejudicadas em seus estudos escolares.

Dessa forma, constitui-se uma escola voltada para a realidade do aluno, buscando satisfazer as necessidades do seu cotidiano e formar homens e mulheres críticos e com forte potencial transformador. Por isso, a forma da escola trabalhar tem que ser diferente. Nesse contexto, livros didáticos e conteúdos programáticos não satisfazem as necessidades dos

educandos. São necessários conteúdos que sejam úteis e significativos para suas vidas. Os conteúdos são substituídos por temas (temas geradores), tornando a dinâmica da escola voltada para os interesses da população do acampamento.

Nessa perspectiva, o princípio da pedagogia que fundamenta as práticas educativas nesse espaço baseia-se em Paulo Freire (1921-1997), tendo como referência o trabalho com temas geradores, bem como tem sua base alicerçada nos fundamentos socialistas de José Martí e Che Guevara (MST, 2001).

As Escolas Itinerantes do MST são, portanto, escolas públicas estaduais organizadas pelo MST no interior de seus acampamentos, cabendo às Secretarias Estaduais de Educação a tarefa de proporcionar a oferta das condições de infraestrutura e material pedagógico para o desenvolvimento das aulas. Essas escolas aparecem vinculadas a uma "escola base"², uma escola estadual localizada em um assentamento do MST, a qual é responsável por abrigar legalmente os educandos matriculados.

3 METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma pesquisa Qualitativa, utilizando-se para construção a Técnica de Observação Participante. Para Marconi e Lakatos (1990) esta é uma técnica de coleta de dados que utiliza os sentidos para compreender determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar. Ajuda a identificar e obter provas a respeito de situações sobre as quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento.

O estudo foi desenvolvido no Assentamento do MST no município de Jacarezinho Paraná, denominado Acampamento Terra Roxa, que ocupam as terras das Fazendas Cambará e Itapema, que contam com 180 famílias assentadas, em uma área de 400 alqueires. E as observações aqui relatadas são frutos, da experiência como educanda vivenciada, durante o Período de Fevereiro de 2009 a Fevereiro de 2011, na Escola Itinerante deste local.

Para apresentação dos resultados construímos Três Eixos de análise, sendo: Caracterização do Espaço: Sob a luz de minha trajetória; Percepções: Princípios que fundamentam a formação escolar e a proposta pedagógica no acampamento e a Escola Itinerante: Valmir Mota de Oliveira. Estes serão, a base de nossas discussões, que nos conduzirão as considerações finais.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

² A Escola Base de 2009 e 2010, para referência da Escola Itinerante Valmir Mota de Oliveira, era o Colégio Estadual Cantão, EFM, Assentamento Pontal do Tigre – Querência do Norte / Pr. Já para 2011 a Escola Base é o Colégio Estadual Iraci Salette Strozak, EMF, Rio Bonito / Pr.

4.1 Caracterização do Espaço: Sob à luz de minha trajetória

Minha mística trajetória inicia-se em Fevereiro de 2009, quando ingressei como Educadora Itinerante no acampamento Laranjal, neste momento estava nascendo à escola Itinerante Valmir Mota de Oliveira, que nascia para além de quatro paredes de lona, ao ar livre e em barracões, essa escola se estruturou sobre a vontade e a força dos acampados que acreditam e lutam por uma educação que efetivamente contemple as necessidades dos sujeitos Sem-Terra.

O acampamento Terra Roxa fica situado no município de Jacarezinho – PR, estando a 18 Km da Cidade, sendo que destes, 14 Km são de estrada de terra, de difícil acesso, principalmente em períodos seca, devido a aglomeração de areia. A ocupação foi dada em Julho à Agosto de 2008, com cerca de 250 famílias vindas de várias regiões do Paraná e de outros estados. Atualmente o assentamento conta com 170 famílias.

Lembro-me do momento em que assumi minhas aulas no Núcleo Regional de Jacarezinho, e que, sem nenhuma pretensão de entoar um sentido pejorativo, a atendente me orientou sobre as dificuldades que enfrentaria, e consigo resgatar de minhas memórias seu discurso: "...esteja ciente que as dificuldades serão tamanhas... Nem escola temos lá.....tudo ainda está se estruturando...." (ATENDENTE, NRE JACAREZINHO, 2009). Estas palavras adentraram meu ser, e me motivaram a engajar-me nesse processo de "Estruturação", e sem titubear, aceitei o desafio. Residia a 70 Km do acampamento, decidi então dar um passo ainda mais ousado, ficando por definitivo durante os dias letivos no acampamento, me tornando pois, Sujeito daquela própria realidade. Freire (1999) antecipa como seria gratificante esta minha imersão, por dizer: "*a cabeça pensa onde os pés pisam*", confirmando minha certeza, de que não se é possível ser educador Itinerante se não se conhecer a Itinerância!³

A Escola Itinerante Valmir Mota de Oliveira inicialmente possuía a seguinte estrutura física: Os estudos direcionados as 5ª e 6ª séries, concentravam-se em um Barracão existente em meio a um Pasto, com criação de Gado. Para alcançarmos este local era necessário atravessarmos cercas e muitas vezes enfrentarmos os animais. Já os alunos que cursavam a 7ª e 8ª séries, utilizavam-se de dois quartos da Casa Sede da Fazenda, adaptados para Salas de Aula, dividiam espaço em períodos contrários os ensinios de 1ª a 4ª séries, com formato multiseriado. A limpeza destes ambientes ficava ao encargo dos educadores, educandos, pais e comunidade em geral, que sempre prestam auxílio à escola.

Trabalhamos quase o ano todo nestas condições, mas mantínhamos o sonho da construção da Escola, que por iniciativa dos próprios integrantes do assentamento já havia se iniciado. Em novembro de 2009, inauguramos a nova estrutura da Escola Valmir Mota de

³ A dinâmica da Escola Itinerante exige educadores e educadoras que trabalhem a educação na perspectiva de um novo projeto de sociedade, um projeto popular. Que estejam dispostos à itinerância, e a reeducar-se constantemente, enfrentando os desafios que a Pedagogia gestada embaixo das lonas pretas lhes apresentar (MST, 2005, p. 10).

Oliveira, que se compõe de uma construção de *Pau-a-Pique*⁴ cercada de maderite, com contrapiso de concreto, contendo 05 (cinco) salas de aula, 01(uma) secretária, 01 (um) refeitório e 01 (uma) cantina. As Carteiras foram doadas pela prefeitura municipal, sendo sobras das escolas de Jacarezinho. Cada sala de aula dispõe de um Quadro-Verde, sem haver ventilador nas salas. Atualmente contamos com um bebedouro, recém chegado, pois anteriormente bebíamos água da torneira. Também recebemos do NRE de Jacarezinho a Televisão *Pen-drive*. O pátio da escola trata-se de uma área com areia, não possuindo quadra esportiva.

A questão da estrutura física, contudo, ainda permanece deficitária, diante das dificuldades encontradas pela escola em fazer o Estado se comprometer efetivamente com a parte que lhe compete no que tange ao direito à educação das crianças sem-terra. Segundo análise de Mori (2006):

Se houve o reconhecimento de uma Escola Itinerante pelo poder público, diria que este reconhecimento é parcial, assim como a legalização. Ao mesmo tempo em que o Estado legaliza a escola deixa-a em situação ilegal, ou seja, houve uma legalização da Escola, porém o atendimento educacional a esta população continua incompleto. (MORI, 2006, p. 16).

Sabemos que muito ainda há por fazer e ser conquistado para nossa Escola, mas pensamos que a luta é constante, e continuaremos reunindo as forças e reivindicando sempre por melhores condições, para que possamos cada vez mais, propiciar a nossos educandos um ambiente que ofereça uma educação de qualidade, direcionado sempre aos princípios que a escola itinerante propõe.

4.2 Percepções: Princípios que fundamentam a formação escolar e a proposta pedagógica no acampamento.

Inicialmente, para discussão deste eixo de análise, é necessário considerar que a educação no interior dos acampamentos, e não diferente o de nosso estudo, configura-se de contornos que extrapolam a dimensão do espaço escolar. É comum ouvir militantes e estudiosos que focalizam a prática educativa do MST afirmarem que o próprio Movimento constitui-se em uma prática educativa, assim:

[...] os pesquisadores que privilegiam o estudo da temática da Educação e Movimento Social no Campo entendem que a educação na realidade camponesa expressa-se não apenas no espaço escolar, mas nas diversas formas de manifestação do movimento camponês. Reconhecem, ainda, que esses movimentos criam condições de produção e apropriação do saber objetivando uma compreensão mais adequada de sua realidade. Nesse contexto a dimensão

⁴ Caracteriza-se por uma trama de paus verticais e horizontais, equidistantes, e alternadamente dispostos. Essa trama é fixada verticalmente na estrutura do edifício e tem seus vãos preenchidos com barro atirados por duas pessoas simultaneamente uma de cada lado.

educativa aparece como importante objeto de investigação. (THERRIEN; DAMASCENO, 1993, p. 8).

Contextualizando esta citação podemos dizer, conforme resultados de nossa observação participante, que o dia-a-dia no acampamento proporciona aprendizagens ímpares à medida que envolve os sujeitos na organização dos setores que compõem a vida de acampado, como o setor da educação, da alimentação, do trabalho da limpeza, da saúde, entre outros. Vendramini (2000) compreende que:

[...] as práticas sócio-educativas que estão presentes nas lutas dos semterra e no dia-a-dia dos acampamentos e assentamentos constituem-se numa grande escola, ou seja, em espaços formadores de consciência, tendo como elementos a solidariedade, a dignidade e a vivência de experiências coletivas. (VENDRAMINI, 2000, p. 204).

Frente a este contexto, posso citar que durante esta minha trajetória, presenciei crianças fazerem questões, em relação ao conhecimento historicamente acumulado em seu processo existencial, sendo este aspecto não visualizado nos educandos de escolas "convencionais"⁵. Em minhas percepções e também para Puhl (2008) este fato acontece pois, no dia-a-dia do acampamento tenciona-se provocar um processo de formação humana e política, construindo os princípios de uma vida coletiva e cultivando-se a identidade do "sujeito social Sem-Terra" que, para além de uma situação, significa uma opção política de resistência à conjuntura de discriminação vivenciada pelos trabalhadores do campo. Sendo assim, a educação escolar é parte integrante do processo formativo que constitui o sujeito Sem-Terra, e ainda consideramos que a grande diferença é que nossas crianças estão numa comunidade convivendo com o embate e o desafio da própria luta e esta escola que freqüentam não é uma escola que se separa da sua vida.

Nessa perspectiva, constatamos que o acampamento configura-se como um universo no qual "Escola Itinerante" e "Movimento" constituem ambientes educacionais distintos, mas interdependentes, espaços que se complementam, ambos orientados pela ideologia do MST. Por conseguinte, constatamos que, a concepção de educação implícita na prática pedagógica da Escola Itinerante e em todo conjunto de educadores do MST traz para a sociedade a necessidade de atentar para uma educação centrada no desenvolvimento do ser humano, com a valorização da realidade local onde a reflexão de suas práticas cotidianas proporciona a compreensão da complexidade do processo de formação humana, ou seja, o principal ambiente de aprendizado do ser humano está nas suas práticas sociais.

Observa-se nesta prática a preocupação com a discussão do tema pela comunidade, não cabendo aos educadores a decisão preponderante, mas à instância coletiva, o que, de antemão, implica a compreensão de que a temática a ser estudada deve estar organicamente vinculada às problemáticas vividas pela comunidade. Com esta proposta, o processo

⁵ A escola convencional tem sido espaço-tempo de transmissão de conhecimentos acumulados pela humanidade, que desconsideram a experiência social das classes populares; e que a ampliação das condições de acesso não tem conseguido manter o educando na escola (Paulo Freire, 2004).

pedagógico foi se redimensionando, tendo-se então uma nova visão sobre a importância de certos conteúdos a serem trabalhados, surgidos dos temas geradores, sem deixar de considerar os conteúdos indicados como básicos em cada etapa desse processo.

Nesta experiência específica, percebo que podemos inferir que os sujeitos envolvidos no processo compreendam que a escola que desejam implica uma opção política, e, tomada essa posição, constroem coletivamente esta escola no diálogo com educadores que irão subsidiar, teórico-metodologicamente, essa opção. A construção de uma "escola diferente" passa necessariamente pela construção coletiva, na qual a diálogo é o cimento que permitirá que ela seja edificada.

4.3 A Escola Itinerante: Valmir Mota de Oliveira

A Escola Itinerante Valmir Mota de Oliveira⁶ foi legalmente aprovada pelo Conselho Estadual de Educação em 2009 como uma experiência, que vêm sendo alvo de comentários, críticas, dúvidas, elogios, questionamentos e inquietudes. Por outro lado, tem trazido motivos e razões para pensarmos mais seriamente sobre o papel da educação e da escola no MST, neste momento histórico. Ao mesmo tempo, tem-nos feito refletir sobre nosso papel e celebrar o ganho e o avanço político-pedagógico na história da educação do MST.

A Escola Itinerante Valmir Mota de Oliveira desde sua fundação, sobrevive à base da solidariedade das famílias de sem terra do acampamento, que ajudam na merenda escolar, nos mutirões de construção das salas de aulas e participação nos debates para construir a escola na Pedagogia do Movimento, que se funda no trabalho voluntário. Além do apoio do Núcleo Regional de Educação de Jacarezinho e da Secretária Municipal de Educação, onde recorremos para conseguir algum material didático, pedagógico e de limpeza.

Durante a presente pesquisa foi possível observar muitos exemplos da forma diferente de "gestão da coisa pública" frente à condução desta escola, por serem as fontes financiáveis não centralizadas apenas em uma instância de governo, esta Gestão acontece de forma democrática e voltada para os interesses dos trabalhadores, e é construída através do cooperativismo.

No início da Escola, grande parte dos materiais escolares era doada pelos próprios educadores, e em um determinado momento, presenciei um aluno trocando sua pontinha de lápis, por um inteiro. Contagante o riso de felicidade estampado no rosto daquela criança, ao ganhar um lápis preto inteiro, trocado pelo pedacinho com o qual aprendeu a escrever e fazer contas. Foi emocionante a cena.

A nossa merenda escolar consiste na transferência de recursos, onde Prefeitura e o Governo Estadual através do NRE de Jacarezinho, ajudam com uma pequena parte, mas a grande maioria vem da própria comunidade, que oferecem o pouco que tem dividindo com a

⁶ O nome da Escola é uma homenagem ao militante Paranaense Valmir Mota de Oliveira, assassinado em outubro de 2007 pelos jagunços da multinacional Syngenta Seeds e de Eli Dallemole, num domingo à tarde, dentro de sua casa no Assentamento Libertação Camponesa, em Ortigueira, no dia 30/3/2008.

escola. Temos também a horta comunitária, que os alunos participam e ajudam nas tarefas, mas mesmo assim ainda é muito precária pois mesmo somando tudo, muitas vezes falta merenda para os educandos. Essa cooperação entre comunidade acampada, educandos e educadores é que torna a luta cheia de recompensas.

Um dos maiores acréscimos em minha construção pessoal e profissional foi entender e aprender a própria história da Escola Itinerante, pois por ser uma escola feita no processo de luta, o currículo traz além, dos conhecimentos básicos, definidos pela Rede Pública Estadual, o incentivo à participação na luta cotidiana que é travada nos acampamentos e assentamentos da reforma agrária e, a participação na gestão democrática das escolas, dando a elas um formato democrático e de participação das/os educadoras/es, educandos/as e da comunidade. Assim, para garantir educação às crianças acampadas, a escola cumpre os 200 dias letivos estipulados pela LDBEN, nº 9394/96.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico – PPP – “cada etapa organiza-se em tempos educativos, o que possibilita uma melhor metodologia de trabalho, bem como contribui na auto-organização dos educandos e educadores para trabalhar todas as dimensões do ser humano” (p.18). Ressaltamos ainda, que no PPP da escola consta que: “apesar da Escola Itinerante possuir uma proposta comum, cada uma das escolas possui um jeito próprio de ser ‘Itinerante’, tendo em vista as características específicas das pessoas e do contexto de cada experiência”. (MST, 2005, p. 10).

Neste intuito a Escola Valmir Mota de Oliveira, busca adaptar-se as reais necessidades dos educandos, para que se proponha uma pedagogia que contemple as particularidades desta população tão específica, visando motivar e incorporar os sujeitos ao contexto educacional e pedagógico, a fim de diminuir a evasão escolar, ou a não acessibilidade as instituições de ensino dos moradores de nosso assentamento.

Como metodologia durante as aulas, trabalhamos com as carteiras em círculo, porque dessa forma não é dado todo o poder ao professor, todos se tornam iguais e a professora não é “mais a senhora que manda”. Caldart (2004) considera que, é preciso construir outra concepção de ensino e de aprendizagem, é preciso fazer com que a criança aprenda a conhecer a realidade, consiga analisá-la, entendê-la e assim poder transformá-la. Neste intuito trabalhamos com os educandos o Tempo Formatura, normalmente 1 a 2 vezes por semana, onde sempre é iniciado com o Hino do Movimento, depois com místicas e apresentação dos símbolos da luta pela terra; Tempo Recreio, com lanche e brincadeiras; Tempo Oficina, com leitura, arte, reciclagem, meio ambiente e agroecologia, matemática, teatro, música e Tempo Educação Física, com atividades esportivas e de integração. Esta forma de ensinar/aprender tem nos trazido excelentes resultados.

Abaixo, alguns dados compilados na Revista Sem Terra, de janeiro de 2009, sobre a Educação no Movimento, onde se verifica a preocupação real no sentido de levar a educação até a criança acampada e assentada, numa trajetória que demonstra como as Escolas Itinerantes vêm criando raízes.

1- Cerca de duas mil escolas públicas conquistadas em todo país; 2- Mais de 200 mil crianças e adolescentes sem terra estudando; [...] 7- Escolas Itinerantes [...] atualmente, funcionam em sete estados. No total, são 45 escolas, com mais de 350 educadores do Movimento e mais de 4 mil educandos e educandas. Já passaram pelas escolas itinerantes mais de 10 mil crianças. (REVISTA SEM TERRA, Jan/Fev/09, p.17).

Neste contexto, a semente de nossa escola também germinou, e já colhemos seus frutos, por conseguirmos manter um bom número de alunos em nossa escola. As Tabelas I, II e III demonstram o número de alunos matriculados na Escola Itinerante Valmir Mota de Oliveira, bem como as séries e níveis educacionais oferecidos, entre o período de 2009 à 2011.

Tabela I – Número de alunos matriculados na Escola V.M.O no ano de 2009/ Média Ano.

ESCOLA ITINERANTE VALMIR MOTA DE OLIVEIRA	
2009.	
ENSINO FUNDAMENTAL	NÚMERO DE ALUNOS
Educação Infantil	06
1ª Série	12
2ª Série	24
3ª Série	15
4ª Série	16
5ª Série	18
6ª Série	22
7ª Série	14
8ª Série	09
EJA	
Fundamental	14
Médio	06
PARANÁ ALFABETIZADO	12
Total: 168	

Fonte: Secretária de Educação da Escola V.M.O em 2011.

Tabela II – Número de alunos matriculados na Escola V.M.O no ano de 2010/ Média Ano.

ESCOLA ITINERANTE VALMIR MOTA DE OLIVEIRA	
2010.	
ENSINO FUNDAMENTAL	NÚMERO DE ALUNOS
Educação Infantil	06
1ª Série	08
2ª Série	12
3ª Série	15
4ª Série	15
5ª Série	17
6ª Série	14
7ª Série	14
8ª Série	12
ENSINO MÉDIO	
1º Ano	10
2º Ano	08
3º Ano	01
EJA	
Fundamental	08
Médio	05
Total: 145	

Fonte: Secretária de Educação da Escola V.M.O em 2011.

Tabela III – Número de alunos matriculados na Escola V.M.O no ano de 2011/ Fev.

ESCOLA ITINERANTE VALMIR MOTA DE OLIVEIRA	
2011.	
ENSINO FUNDAMENTAL	NÚMERO DE ALUNOS
Educação Infantil	06
1ª Série	08
2ª Série	12

3ª Série	10
4ª Série	15
5ª Série	20
6ª Série	08
7ª Série	10
8ª Série	10
EJA	
Fundamental	06
Médio	04
	Total: 109

Fonte: Secretária de Educação da Escola V.M.O em 2011.

Podemos verificar que o número de alunos tem caído com o passar dos anos, sendo estes valores demonstrados nos resultados apresentados pelas tabelas de 2009, 2010 e 2011, sendo que a diferença entre o primeiro e o último ano é de 59 alunos. Podemos citar que este dado esta diretamente relacionada com a demora na apropriação da terra, pois muitas famílias, cansadas da luta, desistem de esperar e retornam para a cidade.

Há ainda que se considerar que alguns adolescentes do assentamento preferem se deslocar e irem estudar na cidade, mesmo enfrentando a discriminação enfrentada pelos alunos das escolas convencionais. Como podemos verificar na apresentação dos dados, somente no ano de 2009, foi possível que se criasse turmas do ensino médio, e mesmo assim, tivemos durante o ano apenas 19 alunos matriculados .

Foi possível identificar durante este período que as crianças e os que se encontram em fase de pré-adolescência, preferem estudar no assentamento, pois não se preocupam, ainda, com o preconceito social, denotado pelos conceitos pejorativos que se impõem a Classe. Já alguns adolescentes e jovens, sentem-se excluídos socialmente, por observarem o preconceito, tornando-se muitas vezes revoltados com sua condição, e buscam integrar-se ao meio urbano, como forma de esconderem suas raízes. Percebemos este fato como inteiramente preocupante, por demonstrar que os Sujeitos estão perdendo sua identidade, em prol da sociedade capitalista, que se considera hierárquica, em um contexto social, que a eles cabem a construção e determinação da pirâmide. Para Arroyo (2005) "*A nossa tarefa é formar seres humanos que tenham consciência de seus direitos, de sua dignidade.*"

Considero, portanto, que o papel do Educador Itinerante deve ir além do visto, e estar preocupado com a humanização, a socialização, a escolarização, o aprendizado da educação formal, da cultura, direcionada para a emancipação humana, além de contribuir na formação da consciência crítica e política dessas crianças, que vivem no seu cotidiano a ocupação da terra e que provavelmente se tornarão lutadoras das causas sociais. E ainda, segundo o DOSSIÊ do MST (2005);

Todos os princípios que sustentam nossa proposta de educação devem desembocar num aluno militante. E não se trata de preparar exclusivamente militantes para o MST. A luta tem um horizonte do tamanho do mundo e há muitas frentes de militância pela classe trabalhadora. Só que nosso ponto de partida não pode ser outro senão alimentar a militância dos alunos no Movimento que lhes é neste momento referência. [...] o trabalho da Escola é participar deste processo. Refletir com as crianças. Ex.: explicar o porquê das ações. Trabalhar

com elas os sentimentos de medo, de revolta, mas, também de conquista, de entusiasmo e de aventura que vive. (DOSSIÊ, 2005, p. 47).

Não há como deixar de discutir, quando falamos da Escola Itinerante, dos seus educadores, que fazem deste trabalho, parte de seus sonhos, por se inserirem no processo de luta e construção. Verifiquei que para Eles, preparar para a vida, perpassa também o processo formativo desenvolvido na escola e ultrapassa um sentido individualista, em que caberia ao sujeito estabelecer a relação de sua formação com a realidade social e econômica. Esse vínculo adquire, no âmbito da educação popular e na escola itinerante, um caráter orgânico entre a formação escolar e inserção social dos sujeitos, que necessita ser explicitado no próprio processo das práticas educativas desenvolvidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de tecer apontamentos finais, antes de tudo é importante salientar que no acampamento, o exercício de educar não se resume a uma tarefa apenas da escola, à medida que se compreende que a educação escolar não se restringe a obrigações legais de conteúdos curriculares. É comum ouvir falar que o próprio acampamento constitui-se em uma escola, mas, evidentemente, a Escola Itinerante têm funções específicas no que se refere ao processo de escolarização da criança acampada.

Observou-se que a escola é preocupação central dentro do assentamento, não somente pela importância que a educação escolar tem na sociedade em que vivemos, mas, também, conforme já mencionado, porque a Escola Itinerante, tendo em vista os princípios que sustentam sua prática pedagógica, representa um espaço-tempo de formação de valores necessários à vivência no coletivo do acampamento.

Decorrente disso tem-se o fato de que a escola não trabalha meramente com a orientação de conteúdos do currículo escolar oficial, pois volta seu ensino ao desenvolvimento do ser integral, construindo diariamente com o educando a sua formação. Essa perspectiva coloca-se como premissa também pelo estado de degradação humana em que muitos sujeitos se encontram no momento em que decidem se integrar à luta do Movimento, agregando-se ao acampamento. Em muitos casos torna-se necessária a restituição da auto-estima, da dignidade, da esperança na vida e no ser humano.

Verificou-se que a Escola Itinerante do MST, nesse contexto, coloca-se como possibilidade de fazer germinar nova cultura escolar, ou seja, essa escola pode conter o embrião para a recriação da escola e da educação do camponês à medida que propõe e busca efetivar novas formas de articulação entre o saber universal, necessário à formação intelectual do camponês, e o saber existencial que esse sujeito produz em seu habitat.

Nesta perspectiva teórica sob a qual se construiu a presente pesquisa, se confirmaram as análises pela observação, garantindo a concepção de que a identidade de uma unidade escolar itinerante apresenta uma composição singular, porém sua análise necessita estar

circunscrita em um contexto macro, à medida que a escola corresponde a uma construção social e histórica.

Frente a este contexto, a pesquisa também evidenciou a negligência do Estado frente suas obrigações com esta escola, remetendo ao histórico de descaso, políticas emergenciais e compensatórias relegadas por séculos aos povos do campo no contexto brasileiro. Ao mesmo tempo, aponta para a necessidade de se efetivarem os direitos estabelecidos por lei, visando o fortalecimento de políticas públicas que garantam o direito ao acesso, permanência à uma educação de qualidade aos povos do campo e populações assentadas.

Destaca-se ainda, que no acampamento pode ser observado um consenso de que, com o tempo, a discriminação da comunidade passou a diminuir, considerando que isso se deve à organização e ao trabalho que é realizado nos acampamentos e também porque, com a instalação do acampamento na comunidade, aos poucos, as pessoas passam a ter algum tipo de contato ou conhecimento acerca do Movimento, além do que a mídia proporciona, passando a respeitar e aceitá-lo.

A mensagem que mais aflora dentre esta minha experiência nesta escola itinerante, foram às necessidades de reconhecimento e aceitação social, que podem ser analisadas sob dois ângulos: um relacionado à luta, à visibilidade e imagem positiva que desejam passar sobre o Movimento como forma de fortalecimento da luta pela terra e de somar simpatizantes; e outro voltado à necessidade que o ser humano tem de se inserir socialmente, visto que é um ser social, se faz na sociedade e, portanto, necessita ser aceito para sentir-se feliz consigo mesmo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC. **Grupo Permanente de trabalho de Educação do Campo**. Referências Para uma Política Nacional de Educação do campo. In: Cadernos de Subsídios, GPT Educação do campo. Brasília, 2003.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 9.394, 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: MEC, 2000.

CALDART, R. S. **O Currículo das Escolas do MST**. IN: Alfabetização e Cidadania. Revista Nº11, Abril de 2001.

_____. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo-SP. 3ª edição. Editora Expressão Popular, 2004.

CAMINI, I. *et al.* **Escola Itinerante em acampamentos do MST**. In: DOSSIÊ MST Escola: documentos e estudos 1990-2001. Coleção Fazendo Escola nº 13, São Paulo, SP.p.185-198.

CHRISTÓFOLLI, P. I. Produção pedagógica dos movimentos sociais e sindicais. In: MOLINA, M. C. (Org). **Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão**. – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. p.94-132.

DANIEL, M . G.; ALVES, S. T. **Escola Itinerante para acampamentos de reforma agrária no Rio Grande do Sul, um resgate histórico**. In: VIII Encontro Latino

Americano de Iniciação Científica e IV Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 30ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 13ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA); Instituto de Educação Josué de Castro (IEJC); Universidade Estadual do Rio Grande Do Sul (UERGS), Veranópolis, 2006.

MANSUR, V. AUGUSTO, D. ENFF: **Três anos feitos e toda uma história por refazer**. In REVISTA SEM TERRA. São Paulo – SP. Ano XI – nº 45, junho/julho de 2008. P.17-21.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1990.

MORI, C. M. **O Processo de Constituição da Escola Itinerante Sepé Tiarajú, do Acampamento Pátria Livre, no Município de Correia Pinto, no Estado de Santa Catarina**, 2006, 40f. (Monografia)

MORIGI, V. **Escola do MST: uma utopia em construção**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

MST. DOSSIÊ MST ESCOLA – **Documentos e Estudos** 1990-2001. São Paulo. 2ª edição. Editora Expressão Popular, 2005.

_____. **Escola Itinerante do MST: História, Projeto e Experiências**. Curitiba – PR. Cadernos da Escola Itinerante – MST - Paraná. Ano VIII – nº 01 – Abril, 2008.

_____. **Escola Itinerante: uma prática pedagógica em acampamentos**. Porto Alegre, 2001.

_____. **Escola Itinerante: uma prática pedagógica em acampamentos**. São Paulo: [s.n.], 2001. (Coleção Fazendo Escola, n. 4).

_____. Setor de Educação. **Projeto Político Pedagógico das Escolas Itinerantes dos acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra de Santa Catarina**. Chapecó, SC: 2005.

PARANA. SEED. **Estudos Temáticos para o PEE** – Resultados do I Seminário Integrador. Governo do Paraná: SEED, 2004.

PUHL, R. I. **Escola Itinerante do MST: o movimento da escola na educação do campo**. Florianópolis (SC), junho de 2008. . 99p. Dissertação (Mestrado em Educação) Santa Catarina, UFSC.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis (RJ):Vozes;1986.

VENDRAMINI, C. R. (org.). **Educação em movimento na luta pela terra**. Florianópolis: NUP/CED, 2002. p. 213

_____. **Terra, trabalho e educação: experiências sócio-educativas em assentamentos do MST**. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

WEIDE, D. F. **Que Fazer Pedagógico em acampamentos de Reforma Agrária no Rio Grande Do Sul**. 1998. 181p. Dissertação (Mestrado em Educação), Santa Maria, UFSM.